

Macroeconomia

O estado atual da crise

Rogério Mori*

O MOMENTO econômico atual parece direcionar os ânimos para uma perspectiva de abrandamento da crise econômica e financeira. Os fatos ocorridos no segundo semestre de 2008 mostraram-se muito marcantes no que se refere aos aspectos econômicos e financeiros mundiais.

Dessa forma, a “primeira onda” pode ser apontada a partir da dinâmica do sistema financeiro, em que ficou explícita a fragilidade das instituições financeiras norte-americanas e várias européias. Tal debilidade foi amparada por ambiente de gradativa diminuição da regulação no sistema em um contexto de abundância da liquidez e amplas facilidades no crédito. A dinâmica desse processo sustentou o consumo das famílias norte-americanas ao longo dos últimos anos, o que também estimulou o crescimento econômico mundial no período. O fim do processo ao longo do ano passado trouxe à tona a realidade dos excessos do período, e instituições tidas como referência de solidez e de boa administração financeira ruíram subitamente. As ações dos governos evitaram o pior naquele momento, ou seja, a ruptura em um ambiente de falências e desestruturação do sistema financeiro privado. Mesmo de forma cambaleante, várias instituições conseguiram sobreviver à custa de injeções de recursos do governo dos EUA.

Mesmo assim, essas ações não conseguiram conter a “segunda onda” da crise, evidenciada na súbita desaceleração do ritmo da atividade econômica em vários países. Essa realidade se mostrou tangível nos mais diferentes países e o que se observou, de fato, foi uma rápida inversão do cenário de crescimento dos últimos anos, e um aumento considerável do desemprego nos meses mais recentes.

Porém, passadas essas “ondas”, as indicações mais recentes parecem apontar para uma espécie de acomodação da crise financeira. Assim, aparentemente os efeitos mais agudos ficaram para trás, e a administração da crise parece mais orientada para o redesenho de uma retomada do crescimento global. Sob essa ótica, parece evidente que ainda está longe o cenário em que os problemas estejam completamente superados e que um novo ambiente de retomada esteja sendo configurado.

No caso da economia brasileira, o sentimento também parece presente, em particular à luz da evolução de alguns indicadores da atividade econômica domésticos. A produção industrial brasileira, após a substancial queda registrada no último trimestre do ano passado, passou a dar sinais de recuperação. De acordo com o IBGE, a produção cresceu 0,7% em termos dessazonalizados, represen-

tando o terceiro mês consecutivo de recuperação. Mesmo assim, o resultado no primeiro trimestre de 2009 foi uma queda de 14,7% em relação ao mesmo período do ano passado. A queda representou uma mudança significativa de patamar no ritmo de atividade da indústria, com reflexos em vários segmentos e no emprego na indústria.

É importante destacar também que a recuperação registrada nos primeiros meses do ano não foi igual para todos os segmentos industriais. Pode-se observar que a produção no setor de bens de capital segue em forte retração, e que alguns segmentos seguem em situação crítica. O desempenho do setor de bens de capital é um claro reflexo de que os investimentos produtivos no Brasil seguem em retração.

A virtual “acomodação” da crise em um contexto de relativa retomada da atividade econômica pode levar a crer que o pior já ficou para trás. Porém, em face desse ambiente e do cenário de uma inflação ainda em trajetória de convergência para a meta, a disposição do Banco Central em continuar promovendo reduções significativas na meta da taxa básica de juros pode ser menor daqui por diante. ■

* Professor e Coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada (Cemap) da FGV-EESP